

Rafael Schultz

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

grupo de trabalho

O ensino da diferença na sociologia – Como pensar gênero e outras categorias de articulação em sala de aula?

título do trabalho

A FALTA DO RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE E O IMPACTO NA AULA DE
SOCIOLOGIA: UM RELATO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM
GOVERNADOR VALADARES/MG

Belém, Pará

2021

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo levantar uma reflexão acerca do tema identidade, que é parte dos conteúdos abordados pela disciplina Sociologia na grade curricular do Ensino Médio. Na prática escolar, vários profissionais podem observar que muitos estudantes não conseguem construir-se como pertencentes a algum grupo identitário, fazendo com que discussões sobre raça, gênero ou classe social possam parecer deslocadas do contexto social desses estudantes. Muitas vezes, eles não são levados a se questionar sobre quem são e sobre os papéis que performam no mundo social; ainda, muitas vezes não são convidados a se imaginar no lugar de outras pessoas ou assumir outras práticas diferentes das suas como válidas.

A busca por uma espécie de conscientização identitária, mais do que auxiliar no processo de autodescobrimento dos estudantes, tem caráter pedagógico. Sem entender a relação entre identidade e práticas sociais, os estudantes podem passar a ver os conteúdos da disciplina Sociologia como paulatinamente mais e mais distantes de seu mundo social, o que dificulta, especialmente, a transposição do que é discutido nas lições em sala para a realidade nas quais os alunos e alunas se inserem.

Contemporaneamente, a questão identitária assume papel central na mídia, com manchetes relacionadas à diversidade e pluralidade de concepções de raças, gêneros e sexualidades tomando cada vez mais espaço nos jornais, sites e programas de televisão. Vivemos em um mundo no qual é importante percebermos que as diversas expressões identitárias pautam as práticas sociais e conduzem nossas posturas em diversos contextos e práticas de interação.

Dento deste contexto surge o tema proposto, que nasce da prática de trabalho cotidiana, na realidade escolar, onde nas aulas da disciplina Sociologia para o Ensino Médio é possível perceber que falta a boa parte dos estudantes uma compreensão e um reconhecimento sobre suas identidades, levando, por vezes, a dificuldades na articulação entre os conteúdos propostos e suas realidades sociais. Isso mostra-se particularmente relevante, uma vez que identidade é um dos eixos centrais dentro do conteúdo curricular de Sociologia; portanto, torna-se primordial a investigação sobre como os estudantes lidam com o tema em suas vidas e suas realidades sociais, e quais são os impactos desse tema na sociedade e nas práticas pedagógicas.

2 APORTE TEÓRICO E METODOLOGIA

Dada a importância pedagógica do tema, fez-se necessário buscar por um aparato teórico sobre a conceituação do que é identidade e como esse tema se relaciona diretamente com o com a escola e com a prática docente, a fim de que uma intervenção pudesse ser pensada para ser desenvolvida no contexto escolar que o pesquisador vivencia em seu trabalho como docente do Ensino Médio na rede pública de ensino na cidade de Governador Valadares, no estado de Minas Gerais.

2.1 A noção de identidade

Para o desenvolvimento do estudo, a fim de orientar a busca por um arcabouço teórico adequado para a análise, procurou-se, inicialmente, definir o conceito de identidade. Neste processo de revisão bibliográfica, o objetivo foi compreender o conceito e tentar desenvolver um instrumento que servisse, ao mesmo tempo, para familiarizar o pesquisador com o tema e, também, pudesse auxiliar no encaminhamento de futuras reflexões. O objetivo é preparar o pesquisador para as discussões em sala de aula sem perder de vista a preocupação com o espaço educacional e com as particularidades institucionais.

Dessa forma, como pontapé para iniciar a compreensão sobre o tema, toma-se como base parte das definições utilizadas por Habermas¹ para compreender o que seria a identidade do indivíduo. Uma revisão inicial da obra do autor permitiu compreender identidade como um processo que perpassa tanto a identificação própria quanto a identificação reconhecida por outros indivíduos. Segundo Habermas, o indivíduo estaria atravessado, assim, por uma questão dialética entre sua própria identidade e a identidade que a sociedade o identifica, o que pode gerar conflitos de toda natureza.

Antevendo as discussões que seriam realizadas em sala de aula, o pesquisador lança a hipótese de que um dos conflitos possíveis de serem percebidos tem relação com a noção de identidade racial, pois, no Brasil, o processo de miscigenação ainda é comumente associado a algo positivo e, a alguns estudantes, pode ser difícil compreender a qual categoria eles seriam identificados pela sociedade. Na realidade escolar, as questões

1 Habermas (2012)

raciais estão à tona, mas, muitas vezes, os estudantes não realizam discussões aprofundadas sobre o tema e, com isso, podem percebê-lo como algo alheio a sua realidade. Considerando a cidade de Governador Valadares, em Minas Gerais, no censo de 2010 (IBGE)², 55,54% da população se declarava parda, o que representa a maior parte da população no município. Contudo, na realidade escolar, o pesquisador percebeu que questões relativas à noção de raça por muitas vezes não são vistas como temas estão incorporados nas narrativas individuais dos estudantes. Ou seja, a discussão sobre identidade racial muitas vezes não acontece e o apagamento dessa questão nas falas dos estudantes pode indicar que eles não se sentem confortáveis para abordar o tema na sala de aula.

Este problema não parece ser apenas um problema local; um estudo realizado no Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB), constatou que brasileiros têm dificuldade se atribuir para si identidades raciais relativas a negro e pardo³. Isso relaciona-se diretamente com o ponto proposto por Harbermas – a centralidade desta questão pode estar na forma como os indivíduos constroem suas próprias identidades individuais, enquanto outras pessoas constroem identidades raciais diferentes das que eles compreendem para si mesmos.

Ao chegar no âmbito escolar, essa disparidade entre autoidentificação e heteroidentificação poderá impactar diretamente como as discussões sobre identidade racial poderão ser promovidas, especialmente na disciplina Sociologia. Essa questão pode indicar que há uma deficiência, por parte de alguns estudantes, de realizar uma leitura da própria realidade que os cerca, o que afeta diretamente os desenvolvimentos futuros sobre o tema.

As percepções acerca dos impactos sociais não somente dos temas raciais, mas também de todos os temas que envolvem identidade, seja de indivíduos ou grupos, é algo que precisa ser construído com os estudantes. Segundo dados do IBGE, 63,7% dos brasileiros acreditam que a cor ou raça impactam sua vida⁴. Isso mostra que, de fato, a maior parte da população brasileira reconhece que as percepções das identidades sociais afetam diretamente suas vidas, mas boa parte dos estudantes ainda parecem desconsiderar

2 Disponível em: <http://archive.is/EmOnc#selection-169.0-169.5>

3 Disponível em: <https://www.unbciencia.unb.br/artes-e-letras/328-brasileiros-nao-reconhecem-sua-identidade-racial>.

4 Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/para-637-dos-brasileiros-cor-ou-raca-influencia-na-vida-aponta-ibge.html>

a relevância da discussão desse tema em sala de aula. A falta do reconhecimento da noção de identidade racial é algo que pode afetar diretamente a compreensão dos impactos que as questões e tensões raciais têm na história do Brasil e no desenvolvimento da sociedade brasileira.

O que os dados citados no parágrafo anterior mostram é que existe uma espécie de contrassenso; apesar da falta do reconhecimento da identidade racial por parte dos estudantes, existe um reconhecimento pela maior parte da população de que as identidades são elementos cruciais para entender como acontecem as interações sociais. Se essas questões existem na esfera cotidiana, logo os conflitos atingem a maior parte dos indivíduos que fazem parte desta sociedade; por consequência, a própria instituição escolar é impactada pelo tema. No entanto, a negação da importância do tema, ou o silenciamento das discussões sobre raça, podem ser considerados problemas estruturais graves.

2.2 Metodologia

Partindo desse reflexo, percebe-se que é necessário levar em conta no desenvolvimento de materiais pedagógicos estas questões. Para tanto, o pesquisador realiza uma pesquisa-ação de natureza qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador depara-se com um problema e busca agir – aqui, em sua prática pedagógica – para melhor compreender esse problema. A partir da compreensão inicial, estratégias são traçadas e levadas para o contexto de pesquisa para que, assim, as respostas alcançadas sirvam como inspiração para uma nova prática reflexiva que pode, eventualmente, encaminhar novas formas de ação.

Nesse sentido, a confecção de um material didático adequado é especialmente relevante, pois apresenta o tema aos estudantes de forma a mitigar as possibilidades de silenciamento da questão e minimizar as instâncias nas quais os estudantes não reconhecem aquele tema como parte de sua realidade social. Compreender-se como parte de um grupo social, ou de vários grupos identitários, é apenas metade do caminho; é preciso fazer com que estudantes compreendam que estão inseridos em uma sociedade plural, e buscar o reconhecimento de suas práticas identitárias pelos demais interlocutores é essencial para que os processos dialógicos ocorram de forma menos conflituosa. Busca-se com o material, assim, construir diálogos para não somente fomentar a autoidentificação,

mas também promover a reflexão sobre o desenvolvimento de práticas para o reconhecimento de seus grupos e pares.

2.3 Reflexões para a produção de um material pedagógico

Uma das propostas que podem ser levantadas é trazer vozes de grupos ou indivíduos que ocupam diferentes realidades sociais para que seus relatos e suas vivências encontrem ecos nas individualidades. Assim, espera-se que alguns estudantes consigam enxergar nestes indivíduos suas lutas e desafios, que são conectados a uma realidade muito maior. O processo educacional precisa levar em conta que os estudantes fazem parte de um grupo social, e que o processo de aprendizagem deve ser pensado também de forma a dar conta da realidade local à qual esses estudantes estão inseridos.

Como visto, a identidade não é algo pensado apenas no âmbito da autoidentificação, devendo ser considerado, também, o reconhecimento dos outros indivíduos. O objetivo principal, aqui, não é tentar descobrir qual é a fonte primordial do problema, mas sim pensar em práticas pedagógicas que contemplem a noção de identidade dos indivíduos e o reconhecimento identitário dos grupos de indivíduos.

A escola é um ambiente institucional; as práticas pedagógicas, portanto, são performadas em um ambiente institucionalizado e obedecem a um roteiro previamente traçado pelo professor. Isso pode fazer com que estudantes compreendam as aulas como espaços pouco dialógicos, uma vez que, tradicionalmente, a visão é que o professor ocupa o papel principal nas relações de poder ali constituídas e detém maior -- muitas vezes, todo o -- tempo de fala. Isso pode apresentar-se como um desafio no processo de fazer com que estudantes reflitam sobre suas identidades e consigam construir conhecimento sobre quem são no mundo social.

O conhecimento não deve ser limitado ao espaço institucionalizado; todas as realidades e vivências experimentadas pelos indivíduos devem servir como mote para a construção das práticas pedagógicas. Essas práticas não devem ser descoladas das experiências e dos conflitos sociais que que atravessam e tangenciam o espaço escolar.

Nesse sentido, para ajudar na reflexão sobre importância do tema na área pedagógica, pode se utilizar a obra de Paulo Freire. O pensador compreende que a

educação fomenta a reflexão sobre a própria existência humana⁵, o que coloca as experiências de vida como pontos centrais no efetivo processo de construção da prática pedagógica. A educação, assim, é um processo que se confunde com a experiência das pessoas, com as vivências dos indivíduos envolvidos no processo de aprendizagem.

Dessa forma, a educação é pensada de maneira reflexiva, fazendo com que os temas teóricos precisem se relacionar com a realidade prática. Nesse quesito, pensando na construção do conhecimento dentro da sociologia na educação básica, os conteúdos devem ser relacionados com as vivências dos educandos para que o processo educacional tenha sentido dentro das realidades individuais.

Em questão objetiva, cabe ao docente de Sociologia buscar produzir um material didático que se preocupe, antes de tudo, em transpor o conhecimento teórico para o conhecimento prático. Para tanto, o docente deve se colocar no papel de pesquisador e, ao mesmo tempo, elaborador desse material. É preciso, assim, realizar um movimento inicial de pesquisa para a compreensão detalhada do tema a ser abordado e, em seguida, articular maneiras de apresentar esse tema de forma a considerar o mundo social dos estudantes na prática educacional.

O desafio é pensar em práticas pedagógicas que suscitem a compreensão do que é identidade e como o autoreconhecimento pode ajudar a situar os estudantes no espaço escolar e no mundo social; não apenas isso, a compreensão pode auxiliar também na percepção de como diferentes identidades interagem na sociedade e estão presentes nas realidades sociais. Um caminho que pode ser tomado é a busca do reconhecimento de outros pares, ao observar narrativas e vivências que se aproximem da sua realidade, o que, como consequência, pode auxiliar na compreensão da sua própria identidade.

Cabe ao docente realizar uma espécie de leitura minuciosa de sua prática pedagógica. Ler a localidade, o espaço onde se encontra o ambiente escolar, se torna um exercício pedagógico vital para o docente. As particularidades de cada instituição, a heterogeneidade de estudantes e da equipe docente, a constituição do currículo e o próprio espaço físico da escola devem ser levados em consideração.

Similarmente, é preciso estar atento à realidade local, compreendendo como as desigualdades afetam aquele espaço, e quais problemas afetam diretamente a população local. Os estudantes nunca poderão ser vistos como seres deslocados de suas realidades,

5 FREIRE, p. 57.

pois sempre serão indivíduos cercados pelas circunstâncias locais e por conflitos sociais próprios do espaço em que habitam.

Cada realidade escolar é única e cada docente deve enxergar quais são as questões identitárias que devem estar presentes nas suas aulas para poder atrair a atenção dos estudantes com mais eficiência. Ainda, cada estudante terá diferentes compreensões acerca de suas próprias identidades, que podem ser fragmentados e até mesmo contraditórias.

2.4 Contexto e reflexões sobre a prática docente

A presente pesquisa foi pensada e realizada a partir das práticas pedagógicas do pesquisador em uma escola de Ensino Médio na rede pública de ensino no estado de Minas Gerais, localizada na cidade de Governador Valadares. O interesse sobre o tema surgiu quando o pesquisador percebeu que os estudantes não se engajavam em discussões sobre identidade racial. A hipótese do pesquisador é que havia uma espécie de falta de reconhecimento sobre a própria identidade racial por parte da maioria dos estudantes; talvez essa falta de reconhecimento se relacione com desconhecimento sobre o tema, ou talvez com outras questões mais diversas. Por isso, a pesquisa foi iniciada para verificar os efeitos que essa falta de reconhecimento tem.

É relevante mencionar que a cidade de Governador Valadares tem em sua maioria uma população parda⁶. Nas discussões empreendidas em sala de aula, muitos estudantes não conseguiam compreender qual seria sua identidade racial e a quais grupos pertenciam. Isso impunha-se como uma barreira no desenvolvimento do tema, que é de extrema relevância para o conteúdo da disciplina e faz parte da grade curricular de Sociologia no Ensino Médio.

Todavia, na *praxis* pedagógica observou-se que existe uma espécie de descolamento entre o tema e a forma como os próprios estudantes se identificavam, o que fez com que o pesquisador abordasse o caso como uma espécie de perda da noção de identidade por parte de estudantes. Em outras aulas, notou-se que temas como feminismo e racismo tornaram-se alheios a percepção dos estudantes, e muitos deles não se enxergavam como interlocutores numa realidade que comporte essas questões.

6 Disponível em: <http://archive.is/EmOnc#selection-169.0-169.5>

Essa questão mostrou-se um grande desafio pedagógico, pois o apagamento da noção de identidade torna mais difícil a estudantes em situação de vulnerabilidade reconhecerem as situações de opressão que possam atravessar suas vidas. Não apenas isso, a falta do reconhecimento traz prejuízos não somente para o ensino de Sociologia, mas para toda a prática escolar.

Diante do que foi exposto, para orientar as discussões realizadas em sala de aula, o pesquisador assumiu que era necessário buscar que os educandos reconhecessem suas próprias identidades para um engajamento didático mais efetivo. Para tanto, procurou-se contextualizar as temáticas abordadas pela disciplina, com o fim de promover ganhos no processo educacional. Esse resgate busca dialogar com os contrastes sociais presentes na realidade de Governador Valadares.

Na reflexão do espaço institucional, pensando em estratégias da escola para se pensar a identidade, Campos⁷ (*apud* Costa) cita como exemplos o currículo oculto, disseminação de objetivos e a introdução de tempos educativos próprios para tratar a temática. Segundo Silva⁸, “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. Em termos gerais, o desenvolvimento de um espaço escolar que propicie o desenvolvimento do tema da identidade vai ao encontro da noção de currículo oculto.

Um caminho possível seria o retorno à teoria clássica de Habermas para entender o *locus* da identidade. A identidade não é algo que deva ser introjetado e nem fabricado; deve ser fruto das vivências e da realidade dos indivíduos que estão inseridos dentro deste grande contexto. A escolha pedagógica, portanto, de apresentar diversas experiências aos estudantes não busca fabricar uma noção de identidade, e sim auxiliar no processo de autorreconhecimento. Os exemplos que são apresentados aos estudantes podem ser múltiplos, como, por exemplo, partindo dos próprios indivíduos que compõe a comunidade escolar, como pais e responsáveis, educadores, docentes e demais servidores que compartilham o dia a dia da escola.

Os prejuízos para educandos que não reconheçam a existência da noção de identidade vão além do espaço escolar, como aponta Costa⁹, o indivíduo “permanece num

7 COSTA, p. 150.

8 SILVA, p. 78

9 COSTA, p. 26.

estado de confusão de identidade, sem um sentido em relação ao passado e ao futuro, como um estranho no seu próprio corpo”¹⁰. Além dos prejuízos pessoais, a falta de um senso de identidade causa problemas na estrutura social, ao termos indivíduos que se tornam alheios a outras existências, algo que pode causar problemas no processo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária¹¹.

2.5 Estratégias pedagógicas

Uma via importante é a elaboração de estratégias que auxiliem o percurso para o desenvolvimento da noção de identidade. Os meios podem ser estruturais, pensando em orientações e processos que orientem neste sentido, e também pode-se pensar em estratégias pedagógicas, que podem ser direcionadas no contexto da sala de aula, no contato mais direto com o educando.

A disseminação de objetivos, dentro desta proposta, poderia abarcar um grupo de objetivos comuns que poderiam ser desenvolvidos em todas as disciplinas, almejando um resultado. Neste quesito, pode-se pensar no trabalho interdisciplinar, para poder desenvolver um tema conjunto em diversas disciplinas, assim integralizando o trabalho escolar sobre uma mesma perspectiva.

Uma proposta interdisciplinar precisa compreender “que as disciplinas escolares resultam de recortes e seleções arbitrários, historicamente constituídos, expressões de interesses e relações de poder que ressaltam, ocultam ou negam saberes (MEC)¹²”. As identidades historicamente excluídas, devem ser contempladas neste modelo, atingindo assim o objetivo de promover a discussão sobre o tema.

Em relação às estratégias pedagógicas, Moreira apresenta uma série de recursos. Pode-se citar a estratégia de “propiciar ao/à estudante a aquisição de informações referentes a distintos tipos de discriminações e preconceitos”¹³; neste sentido, a discussão teria dois níveis: 1) discutir o que separa um indivíduo do outro, no sentido da diferenciação do eu para com os outros, e 2) que existem indivíduos classificados em grupos, unidos por uma mesma identidade.

10 COSTA, p. 144

11 MOREIRA, p. 10.

12 Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio. Brasília: MEC, 2002, p. 88

13 MOREIRA, p. 8

Outra estratégia citada por Moreira é articular as diferenças¹⁴, que seria “promover trocas, estratégias de diálogo, em que os diversos grupos possam participar como produtores de cultura e sair com seus horizontes culturais ampliados”¹⁵. A cultura entra como elemento reflexivo, que amplia as definições e a compreensão da identidade, o que poderá, assim, auxiliar no processo pedagógico.

As estratégias têm por objetivo auxiliar no processo de tomada de consciência sobre a noção de identidade por parte dos estudantes. Se os educandos, dentro da realidade escolar, acabam não tendo este reconhecimento de suas identidades, o desenvolvimento dos conteúdos da própria disciplina de Sociologia acabam sendo prejudicados.

A perda da noção de identidade apresenta-se como um problema que deve ser encarrado com seriedade dentro da realidade escolar, pois seus impactos estendem-se para além do ensino de Sociologia, afetando a própria construção pedagógica e espaço educacional.

2.6 Investigações curriculares

Como já apresentado anteriormente, a identidade se relaciona com os temas curriculares de Sociologia. O currículo de Minas Gerais possui o tema dos novos movimentos sociais¹⁶, abordando os estigmas que grupos marginalizados sofrem na sociedade, o que pode ser elencado com a proposta para as aulas de Sociologia.

Tomando novamente a realidade de Minas Gerais como ponto de comparação, o item *cultura* faz parte dos conteúdos propostos para Sociologia¹⁷, e pode ser utilizado como ponto de partida para a discussão da temática de identidade. As próprias culturas juvenis e da localidade podem servir como ferramentas para implementar esta estratégia, auxiliando assim os estudantes a tomarem consciência sobre as suas identidades.

Esta discussão no âmbito pedagógico e institucional não é algo inédito, sendo parte da construção da BNCC para o Ensino Médio:

“No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas

14 MOREIRA, p. 12.

15 Ibid.

16 SEE/MG - Conteúdo Básico Comum (CBC) de SOCIOLOGIA do Ensino Médio 2018.

17 SEE/MG - Conteúdo Básico Comum (CBC) de SOCIOLOGIA do Ensino Médio 2018.

e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais.” (BRASIL, 2018, p. 17)¹⁸

A educação, em sua base, deve considerar a identidade como elemento essencial em suas propostas pedagógicas. O tema deve ser considerado em todo o processo formativo da construção do Ensino Médio; esta importância é mostrada na própria Base Nacional Curricular Comum do Ensino Médio. O tema também deve estar interligado a própria disciplina de Sociologia no contexto escolar, para assim auxiliar no processo de discussão da questão dentro da esfera educacional. A BNCC, na parte das Ciências Humanas e Sociais, aponta a importância do tema:

“Aprender a viver em sociedade significa, então, submeter-se a processos de socialização, ou seja, processos de incorporação e internalização de valores, papéis e identidades. Portanto, a sociedade como teia de relações é fundamental para apreender o modo como as ações dos indivíduos configuram o mundo em que vivem, ao mesmo tempo em que constroem uma identidade coletiva que lhes permite se pensar como Nós diante do Outro (ou Outros de referência)” (BRASIL, 2018, p. 554)

Nota-se que, em níveis gerais, a identidade se correlaciona com o ensino de Sociologia, que está presente dentro da BNCC nos campos de Ciências Humanas e Sociais. Devem-se considerar, além da Base Nacional Curricular, os currículos próprios de cada unidade federativa, para criar pontes com a Sociologia no âmbito escolar.

Tomando como exemplo Minas Gerais, a questão da identidade faz-se presente no Conteúdo Básico Comum (CBC), sendo eixo temático para o conteúdo de Sociologia. Esta se apresenta com a seguinte configuração: “valores, normas e a diversidade cultural; identidades grupais e sociais; diferenças e tolerância.” (SEE-MG, 2018). A forma como o item é apresentado, entrelaçado à cultura, retoma a discussão sobre utilizar as culturas locais como arcabouço para introduzir o conteúdo.

As bases fornecem uma direção para relacionar os conteúdos, propiciar a discussão do tema e introduzi-lo dentro da disciplina de Sociologia, disciplina que deve ser percebida como essencial para combater possíveis prejuízos no desenvolvimento educacional global dos estudantes, e grande aliada no extenso processo de construção de uma pedagogia mais humana e que alcance as diretrizes pensadas na BNCC.

¹⁸ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Na gênese dos percursos formativos da educação, como já apontado por Paulo Freire, deve-se sempre considerar as diferentes configurações identitárias dos educandos que são integrados ao espaço escolar nas diferentes instituições de ensino. A questão da identidade deve correlacionar duas esferas: 1) a identidade do eu, e 2) a relação da identidade com os outros. A base conceitual de Habermas, que conceitua a identidade nesses dois planos, auxilia o docente a situar conceitualmente o tema, e oferece uma base sólida que dialoga com o proposto na BNCC para que o tema seja trazido para as salas de aula e para o contexto escolar.

2.7 Desafios pedagógicos

Apesar de toda a compreensão sobre a importância do tema e os seus reflexos na educação, é preciso salientar novamente que identidade é um tema complexo, como observa Hall:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que (sic) os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p.5).

Mesmo com o amparo pedagógico, curricular e conceitual para o tema, podem existir dificuldades na implementação do mesmo no contexto escolar. As realidades são complexas e cada contexto vai ter suas próprias questões que irão compor na construção do conhecimento.

A padronização no ensino e na abordagem do tema tornam-se inviáveis, visto que cada localidade deve compreender quais identidades compõem sua realidade para, assim, analisar se o problema da falta do reconhecimento está presente na sua realidade. Não há elementos consideráveis para determinar se é um problema na estrutura educacional ou um problema da estrutura social, se as noções de identidades acabam se esvaindo nas relações entre os pares ou pelo apagamento dela por parte da educação.

Cada pesquisador e docente deve buscar enxergar quais são as questões identitárias que devem estar presente nas suas aulas, de acordo com a realidade escolar na qual está

inserido, para poder aprimorar de forma mais eficiente sua prática docente e contribuir com a comunidade escolar.

Observar os problemas e identificar se de fato no contexto escolar existe essa perda de noção de identidade são práticas que devem ser realizadas por pesquisadores e apresentam-se, aqui, como encaminhamentos deste estudo. As realidades sociais no país são complexas, por isso a reflexão precisa fazer-se presente em outras salas de aula, seja na rede pública ou na rede privada, e pensada de modo a identificar se é uma questão local ou se ultrapassa os limites da sala de aula estudada pelo pesquisador. A proposição é que estudos em diferentes realidades e contextos possam permitir estabelecer paralelos e criar estratégias para o enfrentamento dos desafios que possam se apresentar aos docentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou oferecer aos docentes de Sociologia um olhar sobre uma realidade local investigada pelo pesquisador. Encaminhou-se uma pesquisa-ação que buscou produzir material didático para enfrentar a hipótese da perda da noção de reconhecimento da identidade por parte de estudantes de uma escola pública de Ensino Médio. Todo o contexto de estudo foi realizado na cidade de Governador Valadares/MG.

O processo foi encaminhado por meio de revisão bibliográfica sobre o tema, e as considerações apresentadas neste estudo. Conclui-se que a temática precisa ser melhor investigada em outros contextos; o pesquisador empreendeu este estudo em seu próprio contexto social e cultural, e é essencial descobrir também se pode ser observado em outras realidades e comunidades escolares. A proposição é que estudos em diferentes realidades e contextos possam permitir estabelecer paralelos e criar estratégias para o enfrentamento dos desafios que possam se apresentar aos docentes.

Conclui-se que o educador de Sociologia deve avaliar os impactos das questões aqui levantadas na sua prática pedagógica, e verificar se o desenvolvimento dos conteúdos disciplinares seria afetado por isto. Ainda, é preciso descobrir se as estratégias aqui apresentadas são de fato efetivas em outros contextos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

Brasileiros não reconhecem sua identidade racial. Unbciencia, 2009. Disponível em: <https://www.unbciencia.unb.br/artes-e-letras/328-brasileiros-nao-reconhecem-sua-identidade-racial>. Acesso em: 7 mai. 2021.

CAMPOS, Bártolo Paiva. *O Psicólogo e o Desenvolvimento Pessoal e Social dos Alunos*. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14804/2/82769.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2021

COSTA, Maria Emília. *Desenvolvimento da identidade em contexto escolar*. Educação e desenvolvimento pessoal e social, 1991. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14804/2/82769.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2021

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo*, 2: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Martins Fontes. 2012

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KREUTZ, Lúcio. *Identidade étnica e processo escolar*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/7Djn86bHnHcm6qWLwCqyVys/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. Disponível em: <http://archive.is/EmOnc#selection-169.0-169.5>. Acesso em: 29 mai. 2021.

MAIA, M. E.; MENDES, J. E.; DE BRITO, L. H. *Discurso e formação identitária negra na escola*. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 89–102, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1910>. Acesso em: 1 jun. 2021.

MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2002.

MINAS GERAIS, SEE. *Conteúdo Básico Comum (CBC) de Sociologia do Ensino Médio*. Disponível em: https://www2.educacao.mg.gov.br/images/Progr._Sociologia_M%C3%A9dio_2018.pd. Acesso em: 28 mar. 2021.

MOREIRA, Antonio Flavio. *Identidade e currículo*. Disponível em: https://servicos.educacao.rs.gov.br/pse/binary/download_sem/DownloadServlet?arquivo=txtos/antonio_moreira_identidade_curric.pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

Para 63,7% dos brasileiros, cor ou raça influencia na vida, aponta IBGE. G1 Globo, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/para-637-dos-brasileiros-cor-ou-raca-influencia-na-vida-aponta-ibge.html>. Acesso em: 6 mai. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.